

Paulo-Roberto Andel

Carlos, o eterno vigilante

Falecido na segunda-feira passada na longevidade dos 91 anos, o policial rodoviário aposentado Carlos Miranda causou comoção e saudade em muitos brasileiros que, ao contrário do que determina a máxima de mestre Ivan Lessa (“A cada quinze anos os brasileiros se esquecem do que aconteceu nos últimos quinze anos”), mostraram verdadeira fidelidade a um ídolo seis décadas depois de seu principal trabalho artístico.

Entre 1962 e 1963, ao lado de seu eterno cachorro Lobo, Carlos Miranda se consagrou como o primeiro herói genuinamente brasileiro da nossa televisão interpretando o “Vigilante Rodoviário”, um sucesso estrondoso na TV Tupi. Importante dizer que, tal como



Carlos Miranda

muitos de seus colegas, Carlos já vinha de uma longa batalha por um lugar ao sol desde os quinze anos de idade, quando começou cantando no circo e a seguir frequentando os grupos de teatro popular do Sesi. Também trabalhou nos estúdios da Companhia Cinematográfica Maristela, de onde saíram os equipamentos para a montagem do primeiro estúdio de dublagem de filmes estrangeiros no país. E “Vigilante Rodoviário” não ficou para trás: foi o primeiro seriado filmado com película de cinema no Brasil. Tome pioneirismo. Até os veículos não escaparam da fama eterna: a moto Harley Davidson e o carro Simca Chambord utilizados por Carlos no seriado viraram febre

de colecionismo entre os fãs.

Para o papel que consagraria sua carreira artística para sempre, Carlos Miranda precisou fazer uma preparação intensa de modo a se mostrar convincente no papel de galã policial das estradas. Assim, passou a treinar regularmente na Escola de Polícia Rodoviária localizada na cidade de Jundiaí, SP. E aí aconteceria uma guinada definitiva na vida de Carlos: o sucesso da série não garantiu uma longa continuidade do trabalho - foram 38 episódios de 22 minutos cada,

Reprodução

finalizados em 1963. Após o encerramento dos trabalhos na TV Tupi, o ator foi convidado pelo então comandante geral da Força Pública - e também general de Exército -, João Franco Pontes a ingressar na carreira policial. A vida imitou a arte e Carlos seguiu na Polícia Rodoviária até 1998, quando foi reformado com o posto de Tenente Coronel.

De toda forma, Carlos Miranda jamais aposentou o Vigilante: participava de eventos, festas e acontecimentos ligados ao personagem. Volta e meia era visto com sua farda da corporação. Ídolo dos anos 1960, manteve-se no imaginário de várias gerações, tanto pela força da obra televisiva quanto porque a série de TV ganhou reações, sendo a mais recente na TV Brasil, trazendo novamente à tona uma das figuras mais marcantes e devotadas da televisão brasileira em todos os tempos.

CRÍTICA / DISCO / EDU PIFE

Marian Starosta/Divulgação



Os integrantes do Pife Moderno com Edu Lobo nos bastidores da gravação de ‘Edu Pife’, que conta com a participação do cantor e compositor em três faixas

Brasilidade na veia

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje falaremos sobre “Edu Pife” (Biscoito Fino), álbum recém-lançado por Carlos Malta e Pife Moderno para celebrar a obra de Edu Lobo. Seguindo sua carreira de multi-instrumentista arrojado, Malta criou, há trinta anos, o Pife Moderno, grupo que tem a sua cara, sem barreiras estéticas. Tudo a partir de uma formação extraordinária: dois flautistas (ele próprio e Andrea Ernest Dias) e quatro percussionistas que têm em si a força do toque, Marcos Suzano, Bernardo Aguiar, Durval Pereira e Fofó Black, recém-chegado no grupo.

Sabe-se hoje que desde os sete anos de idade Malta encantou-se com a obra de Lobo, ao vê-lo no III Festival da TV Record de 1967 cantando “Ponteio”, ao lado do Quarteto Novo, Marí-

baiões.

Mas e Edu? O que mais dizer sobre ele? Bem, modestamente, certa vez eu escrevi: “Eduardo de Góes Lobo não crê em inspiração. Crê em dedicação. Entusiasmo cotidiano na elaboração de músicas para teatro, trilhas para cinema, temas para balé. Nisso tudo e apenas nisso, Edu Lobo, um artesão de harmonias, crê”.

Para interpretar os arranjos que escreveu para treze músicas de Edu Lobo (em doze faixas), sempre com o som único do pife, numa autêntica versão Brasil na veia, Carlos Malta e Pife Moderno deram conta de recriar boa parte do repertório de Edu. E assim vieram “Abertura do Circo”, só de Edu, passando por “Uma Vez Um Caso” (dele e Cacaso) e “Viola Fora de Moda” (dele e Capinam), indo a “Lero-Lero” (dele e Cacaso), até fechar a tampa com outra só dele: “Bate-Boca”, e três parcerias com Chico Buarque: “A História de Lilly Braun”, “Na Carreira” e “Fredo Diabo”.

As participações especiais adicionaram molho insuperável às músicas. Em alguns arranjos, Malta contou com a voz de Edu em duos e vocalises com o cantor Matu Miranda, como em “Zanzibar” (Edu Lobo Editora) e “Água Verde” (Edu e Ruy Guerra), e das duas vozes somadas a Hermeto Pascoal, em “Casa Forte” (Edu). Hermeto ainda tocou percussão corporal, escaleta e voz no copo em “Vento Bravo” (Edu e Paulo César Pinheiro); assim como o violoncelo de Jacques Morelenbaum brilhou em “Repente” (Edu e Capinan).

“Edu Pife” se tornou uma obra de referência do trabalho de Edu Lobo. Ao juntar sua visão musical e orquestral à de Edu, o trabalho de Carlos Malta e Pife Moderno acrescentou-lhe brasilidade, enriquecendo ainda mais a obra já arrebatadora de Edu Lobo. Ouça o álbum em <https://acesse.one/VG8s8>.

*Vocalista do MPB4 e escritor

Divulgação



lia Medalha e do grupo vocal Momento 4. Emocionou-se ao ver resumida numa só canção a essência da cultura popular nordestina - e não era pra menos.

Foi a partir desta concepção musical que Malta foi à discografia de Edu Lobo. Reouviu tudo, desde o primeiro compacto lançado em 1962 (quando Edu tinha 19 anos), para, enfim, conceber a direção musical e os arranjos para a refinada obra de Edu, plena da diversidade de gêneros da música popular brasileira: sambas, frevos, canções e